

ARTIGO

Sete nomes e um destino

IRON JUNQUEIRA
Escritor

o que o povo quer e não irão fazer o errado na hora em que entram para acertar.

Quando aos demais são muito conhecidos na cidade; são éticos quais os primeiros acima citados. Ninguém tem nada contra eles. Isto é bom demais. Seja vitorioso quem for o melhor, espero. Não há nenhum questionamento a respeito de Onaide, Chiarello, Antônio Gomide, Frei Valdair e Marisa Espíndola. Pelo menos até agora. Ninguém pode atirar a primeira pedra. Nem eles, reciprocamente. São bem-vindos ao campo da democracia, digladiando pela conquista de votos. Algo de especial se pode notar: é a primeira vez em Anápolis que duas mulheres entram no páreo em busca do mandato de prefeita. E uma delas pode ganhar. As mulheres têm ganhado espaço na política porque a população está farta de corruptos e oportunistas. Alguns – alguns! – homens com seu espírito de aventura avançam desorientadamente no erário sem estarem atentos aos preceitos de honradez e dignidade, enquanto as mulheres pela sua própria condição, não generalizando, sempre procuram fazer a coisa de maneira mais correta, além de mostrarem-se mais humanas e voltadas para o bem estar de todos, salvo aquelas cujos maridos (ou parentes) são nocivos à sua carreira. Isto ocorre por outras plagas, não em Anápolis.

A campanha eleitoral deste ano transcorre ele-

gantemente disciplinada, pelo menos até este momento, mais para o final alguém poderá apelar e aprontar besteira, mas sabendo que a Justiça Eleitoral cobrará. Repito a alegria de muita gente quanto aos sete candidatos. Nenhum está com rabo preso nem está com as mãos sujas. Também é a primeira vez que isto ocorre. E quem sair eleito que procure manter a honra e a dignidade, porque nós – plebe rude – estamos em busca dos éticos, tanto para prefeito quanto para vereadores. Uma campanha com sete candidatos é bem opcional, o povo é que deverá saber escolher o mais capacitado, o mais inteligente, trabalhador e honesto.

Não está difícil escolher. Os menos conhecidos podem ser grandes políticos, não se sabe, só o tempo e a continuidade deles na área política o dirá. Quanto aos demais, nada podemos acrescentar, senão que, até prova em contrário, são éticos e bem intencionados. Mesmo o senhor José de Lima (que não postula a prefeitura este ano) poderá se revelar um bom administrador, pois tem mostrado ser honrado e pessoa incapaz de lesar o povo. Assim parecem ser os sete nomes e o destino de Anápolis. Nada tenho a reclamar dos postulantes à prefeitura e a voz do povo também está muda. Resta-nos ouvir a voz das urnas.

É isto.

ARTIGO

Descanse em paz

JOÃO ASMAR
Advogado

O Doutor Maurity... Morreu!
Morreu... O Doutor Maurity!

Foi o triste lamentado, como um tormento, que desabou sobre a cidade, castigando a multidão daqueles que, receberam do inteligente e competente médico, benefícios para a sua saúde, de seus parentes e de amigos.

Naquela ensolarada manhã de quarta-feira, dia 13 de agosto, açoitada pelos ventos do leste, Anápolis se abalou, estremeceu, chorou.

Para sempre, perdia um dos seus valores mais expressivos, atuantes na medicina, integrante da sociedade, co-operador em todos os empreendimentos, prudente e competente conselheiro, exímio articulador e coordenador político.

Sua casa sempre foi um refúgio para aqueles que sofriam de algum mal e ali eram sempre atendidos e consolados. Recebia, de contínuo, as mais altas e expressivas autoridades médicas e políticas, do Estado, sem, jamais demonstrar arrogância e orgulho.

Homem simples, dotado de excepcional sabedoria e inteligência privilegiada, sabia se expressar com simplicidade, clareza e firmeza, sempre recheando suas palavras com boa dose de picardia, quando apreciava algum desacerto de alguém.

Interessante é que em todo lugar, quando parava na rua, nas reuniões sociais, festivas, de toda natureza, dele se cercavam intelectuais e simples criaturas, que usufruíam da sua sabedoria, distribuída a todos, com naturalidade impressionante. Nas rodas de gente era, sempre, o centro que irradiava alegria e amizade. Ninguém entrinsecia.

Foi um arauto do bem. Fez caridade, consolou aflitos, curou enfermos, amenizou dores e sofrimentos, re-

cuperou e guiou uma legião de jovens para o caminho do bem; distribuiu benefícios, materiais e orientações preciosas; uniu casais em desavenças; espalhou a alegria e estendeu as mãos para ajudar colegas e encorajou muitos a triunfarem em seus empreendimentos. Ajudou, sim, uma multidão e ... ironicamente, esqueceu de si mesmo.

Projeteu desconhecidos na política e os elegeu, surpreendentemente, para, depois, ser por eles castigado com a indiferença e com a terrível ingratidão.

O primeiro contato que tive com o Dr. Maurity, ficou indelével no meu sentir, fazendo-me eternamente agradecido à sua pronta e eficaz ação.

Minha mãe sofreu um inesperado mal e estava em convulsão. Chamaram um médico, vizinho, frequentador de nossa casa, e ele se mostrou reticente... indiferente, sem disposição para prestar socorro à paciente.

Saindo à rua, atônito, a procura de um médico, alguém me informou que o Dr. Maurity, meu desconhecido, havia entrado na agência Bradesco. Encontrei-o na sala da gerência, com uma caneta na mão, a assinar um documento. À minha súplica, levantou-se, acompanhou-me e chegou em casa. Foi uma benção; não só aliviou o sofrimento de mamãe, como nasceu dali uma boa amizade, sólida e benfazeja.

Depois recebi um telefonema para, se possível, comparecer no seu escritório, porque precisava solucionar problema de alguém, que lhe era familiar.

Lá chegando, estava em sua companhia uma senhora de meia idade, muito simpática, bem vestida e primorosa no falar, que ele me apresentou como sendo a sua madrinha. Ela confirmou e o chamava de “Foguete”, que era seu apelido na juventude.

Ela expôs a situação. Era casada, divorciada, com dois filhos, menores que recebiam pensão do pai, um engenheiro civil, já casado com outra. Ele pedia abatimento do valor das irrisórias pensões dos filhos. O caso estava pendente na comarca de Goiânia.

Terminada a exposição, ele se intrometeu, com seu jeito franco e irreverente, e disse:

“Pedi para você vir aqui, conhecer a madrinha, e, se possível, patrocinar a sua causa. Você é de confiança, e é o “cara” que ela precisa. Ela já teve três advogados, e, todos eles, em vez de cuidar do caso, querem é nela”.

Assustei. A mulher enrubeceu, baixou a cabeça, pediu desculpas, e explicou que era uma faceta do seu afilhado. Cuidei da ação, fui bem sucedido, e pude servir ao Dr. Maurity em outros questões, inclusive, fui seu assessor jurídico na Câmara Municipal, quando assumiu a presidência.

Interessante é que o Dr. Maurity costumava apelidar seus amigos, mais afeiçoados, dando-lhes nomes estranhos, que na realidade, correspondia a alguma particularidade de cada um.

Para o Dr. Ederval Caia, caciueiro da política local, à época da revolução de 64, seu grande amigo, deu-lhe a nomeação de “Coronel Ramiro”, identificando-o com o personagem da novela “Saramandaia”, interpretado por Paulo Gracindo. Comparando-os, havia, sim, alguma similitude.

Quando o Dr. Irapuan Costa Júnior aqui chegou e ocupou a Prefeitura, situada na “baixada do sapo”. Por usar óculos com armação preta e grandes lentes, deixando exposta a ponta do nariz, afilado, foi logo, agraciado com o epíteto de “Corujão do Brejo”.

Vindo da capital, nomeado Prefeito, Jamel Cecílio não foi poupado. Por ser alto, delgado e usar paletó folgado, passou a ser o “Gandola”.

Aqueles seus amigos, mais íntimos, uma legião, todos tinham os seus nomes, por ele mudados. O curioso é que ninguém ficava contrariado ou magoado. Antes, sorriam e se alegravam com a salutar amizade.

Por minha vez, considerando-me religioso e moralista, virei, para ele, o “Reverendo”.

O extrovertido e bondoso médico, Dr. Maurity, morreu! Rogamos a Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo, que lhe dê a recompensa dos justos, e que ele DESCANSE EM PAZ.

ARTIGO

A mídia eufemista

Bandidos geralmente atiram na cabeça, no peito e na barriga de suas vítimas, preferencialmente, com a clara intenção de matar. Ultimamente, pelo que leio nos jornais, eles passaram a “efetuar disparos” no “crânio”, no “tórax” e no “abdômen” de suas vítimas. Que nem morrem mais: ou “falecem” ou “entram em óbito”, segundo dizem os PMs que dão essa trágica informação aos repórteres. E tratam de passar a novidade rapidamente aos seus ávidos ouvintes, leitores e telespectadores.

Sumiram do noticiário, em questão de poucos anos, os parentes das vítimas, substituídos por alguns “familiares”, que devem ser pessoas de rostos conhecidos, mas não propriamente parentes, pois estes foram definitivamente sepultados no linguajar do jornalismo “moderno”. Ninguém mais faz nada, “realiza” simplesmente. Tadinho do verbo “fazer”, vinha cumprindo tão bem o seu papel, mas, infelizmente, todos se cansaram dele.

Ninguém discute este ou aquele assunto, mas “sobre” este ou aquele assunto. Ou “a respeito de”, como se diz nas dublagens dos filmes do TV, hoje assimiladas pelas novelas e irremediavelmente condenadas ao sucesso. Aliás (já substituído por “inclusivo”), ninguém pede so-

corro nas situações de aflição, pede-se que alguém as ajude. Já disse aqui em casa mais de uma vez: não pretendo socorrer quem diz “alguém me ajude, por favor”, como se diz nos filmes dublados. Só ajudo se gritar “socorro”. E bem alto. Não sei como viver numa sociedade que não dá nome correto às coisas, numa sociedade em que o eufemismo prevalece sobre a informação.

A quantos me queixo das mudanças ouço que não devo resistir a essa tal modernidade e que a língua tem um dinamismo natural. Hoje se diz de uma forma, amanhã, de outra. Claro, eu estudei lingüística, mas não me convenci. À noite, geralmente, depois do bombardeio midiático de esquisitices, fico pensando por que a mídia eletrônica, por exemplo, que alcança 40 milhões de pessoas simultaneamente com apenas um jornal noturno, não contrata um profissional que saiba escrever em português. Em vez disso, põe lá na maquininha de fazer títulos um estagiário que, embora começando a carreira, fala inglês corretamente (o que lhe foi exigido na prova de ingresso), mas que nada lê em português.

Já veio assim da faculdade, não gosta de ler, escreve erradamente e ri quando lhe dizem que a palavra está grafada erroneamente. São esses os grandes agentes das mudanças lingüísticas no

meu país, infelizmente. Numa penada, mudam à deriva da língua e a atiram na vala comum das bobagens universais, dos euro-pantos claudicantes e do inglês “profissional” que dá vergonha à Inglaterra.

Pois são essas pessoas que, por exemplo, situam o protocolo das ações judiciais “junto a” algum órgão, e não no próprio órgão onde deveriam entrar, ou seja, ao lado do local onde deveriam entrar. Fico atônito quando dizem que a ação vai ser impetrada (êta, juridiquês danado!) “junto ao” Supremo Tribunal Federal porque não sei o que fica ao lado do STF. Seria o Itamaraty?

Dizem que o Brasil “possui 180 milhões” de habitantes (como se deles tivesse a escritura de posse), que o tarado “violenta sexualmente” sua vítima, que o veículo “colidiu contra” o muro e que a pessoa muito ferida que está no hospital “não corre risco de morte”.

Enquanto isso, na página de correções, que o ouvitor impôs ao jornal com grandes dificuldades, registra-se a digitação errada de um termo verbal. Nem uma linha sobre a saraivada de idiotices que se espalha pelas páginas como se fosse um tiro de espingarda calibre 12, que, mesmo sem pontaria, é capaz de fazer um cego acertar numa mosca.

Romildo Guerrante

NEPOTISTAS ANÔNIMOS



JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição
Av. Goiás, 776, sala 302 (Ed. Glória)
Cep: 75025-090
Fone: 3099-6100

- Impressão:
WAN Comunicação

Editor Chefe: Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com.br)

Editor de Arte: Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Repórter fotográfico: Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)